



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

WELLISSON GUEDES DOS SANTOS

**GEOGRAFIA DO TRABALHO: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE
TRABALHO NA PEDREIRA LAJEDO DA SERRA LOCALIZADA NO MUNICÍPIO
DE DONA INÊS - PB**

**Guarabira
2023**

WELLISSON GUEDES DOS SANTOS

**GEOGRAFIA DO TRABALHO: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE
TRABALHO NA PEDREIRA LAJEDO DA SERRA LOCALIZADA NO MUNICÍPIO
DE DONA INÊS - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em geografia.

Área de concentração: Transformações Econômicas nos Espaços Urbanos e Rurais

Orientador: Prof. Dr. Diego Pessoa Irineu de França

**Guarabira
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237g Santos, Wellisson Guedes dos.
Geografia do trabalho [manuscrito] : uma análise dos processos de trabalho na pedreira Lajedo da Serra localizada no município de Dona Inês - PB / Wellisson Guedes dos Santos. - 2023.
37 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação : Prof. Dr. Diego Pessoa Irineu de França , Departamento de Geografia - CH. "
1. Geografia do trabalho . 2. Capitalismo. 3. Neoextravismo. 4. Dona Inês - PB. I. Título
21. ed. CDD 372.89

WELLISSON GUEDES DOS SANTOS

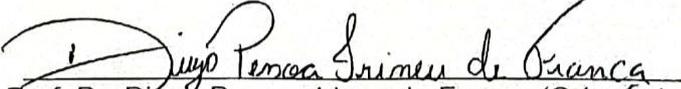
GEOGRAFIA DO TRABALHO: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE TRABALHO NA PEDREIRA LAJEDO DA SERRA LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE DONA INÊS - PB

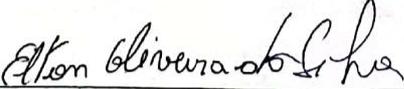
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em geografia.

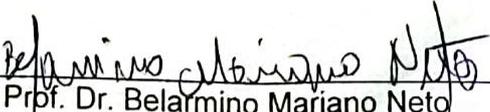
Área de concentração: Transformações Econômicas nos Espaços Urbanos e Rurais

Aprovada em: 13 /11 /2023 .

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Diego Pessoa Irineu de França (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Elton Oliveira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por me iluminar durante a produção deste estudo. Sem ele esta pesquisa não existiria.

Aos meus pais, por todo o apoio e incentivo, me ajudando sempre com o que podiam e pelo apoio durante esses quatro anos de universidade.

Aos trabalhadores da pedreira por se disporem a conversar comigo e pelo tempo retirado de suas atividades.

Agradeço também ao meu orientador, Diego Pessoa, pelo apoio, paciência e pelos conhecimentos passados durante nossos encontros. E aos professores (as) da UEPB Campus III pelos ensinamentos passados ao longo deste curso.

“A ação é o próprio do homem. Só o homem tem ação, porque só ele tem objetivo, finalidade. A natureza não tem ação porque ela é cega, não tem futuro” (Santos, 2002, p.104).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa de Localização do município de Dona Inês – PB.....	16
Figura 2 –	Gráficos de faixa etária e escolaridade dos trabalhadores.....	24
Figura 3 –	Trabalhador afiando ferramenta conhecida como “carvão” e abaixo bloco de granito em processo de separação.....	26
Figura 4 –	Trabalhador fragmentando a rocha em partes menores e abaixo um dos resultados de seu trabalho “meio fio”.....	27
Figura 5 –	Caminhão sendo carregado.....	28
Figura 6 –	Visão aérea da pedreira Lajedo da Serra.....	30
Figura 7 -	Geologia do município de Dona Inês.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EPI –	Equipamento de Proteção Individual
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNUD –	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
CPRM –	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
SGB –	Serviço Geológico do Brasil
UEPB –	Universidade Estadual da Paraíba

GEOGRAFIA DO TRABALHO: UMA ANÁLISE DOS PROCESSO DE TRABALHO NA PEDREIRA LAJEDO DA SERRA LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE DONA INÊS - PB

Wellisson Guedes dos Santos¹

RESUMO

O trabalho indiscutivelmente tem a capacidade de modificar o espaço para atender as demandas de uma determinada sociedade. Ao longo da história, o trabalho, foi o motor que impulsionou o desenvolvimento humano e ditou as regras de organização econômica e social. Diante disso, o objetivo deste estudo consiste em compreender a processo de produção do espaço e das relações de trabalho imerso no setor neoextrativista, a partir da extração de granito na pedreira situada no município de Dona Inês – PB. Para a realização deste estudo, num primeiro momento, foram realizados alguns trabalhos de campo exploratórios *in loco* a partir dos quais realizou-se entrevistas semiestruturadas com os trabalhadores com a finalidade de apreender mais detalhes sobre a realidade e dos processos de trabalho. Em seguida foi feito um levantamento bibliográfico de diversos autores como Thomaz Junior (2002), Santos (2002) e Marx (2013) que embasaram esta pesquisa. Como método científico utilizamos o materialismo histórico e dialético que se baseia na conflitualidade, que neste caso trata-se do trabalho e o capital. Adentrando no objeto de estudo, o interesse surgiu da própria observação da realidade e das condições de trabalho e o impacto que a mesma tem sobre a população e a natureza. Ao longo desta pesquisa, mostrou-se o típico retrato de exploração da classe trabalhadora pelo capitalismo, com suas péssimas condições de trabalho e alienação que impactam tanto o ambiente a sua volta, quanto na vida da população e dos trabalhadores que se reproduzem a partir destas relações sociais.

Palavras-Chave: geografia do trabalho; capitalismo; neoextrativismo; Dona Inês – PB.

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB Campus III

**WORK GEOGRAPHY: NA ANALYSIS OF WORK PROCESSES
IN THE LAJEDO FROM THE SERRA QUARRY LOCATED IN THE MUNICIPALITY
OF DONA INÊS – PB**

Wellisson Guedes dos Santos²

ABSTRACT

Work undoubtedly has the capacity to modify space to meet the demands of a given society. Throughout history, work was the engine that drove human development and dictated the rules of economic and social organization. Therefore, the objective of this study is to understand the production process of space and work relations immersed in the neo-extractive sector, based on the extraction of granite in the quarry located in the municipality of Dona Inês – PB. To carry out this study, initially, some exploratory fieldwork was carried out on site, from which semi-structured interviews were carried out with workers in order to learn more details about reality and work processes. Next, a bibliographic survey was carried out on several authors such as Thomaz Junior (2002), Santos (2002) and Marx (2013) who supported this research. As a scientific method we use historical and dialectical materialism that is based on conflict, which in this case concerns work and capital. Entering the object of study, the interest arose from the observation of reality and working conditions and the impact it has on the population and nature. Throughout this research, the typical portrait of exploitation of the working class by capitalism was shown, with its terrible working conditions and alienation that impact both the environment around them and the lives of the population and workers who reproduce themselves from these conditions. Social relations.

Keywords: geography of work, capitalism, neoextractivism, Dona Inês - PB

² Graduating in Geography from the State University of Paraíba – UEPB Campus III

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO MUNICÍPIO DE DONA INÊS.....	15
3	TRABALHO, GEOGRAFIA E GEOGRAFIA DO TRABALHO.....	18
3.1	<i>A Geografia do Trabalho.....</i>	18
3.2	<i>Origens e Perspectivas do Trabalho.....</i>	21
3.3	<i>A Plasticidade do Trabalho.....</i>	22
4	DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO, CARACTERIZAÇÃO E IMPACTOS DA PEDREIRA.....	25
4.1	<i>A Divisão Social do Trabalho no Contexto da Pedreira.....</i>	25
4.2	<i>Caracterização Geoambiental da Pedreira</i>	29
4.3	<i>Impactos Socioambientais da Pedreira.....</i>	32
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS.....	36
	APÊNDICE A – LEI MUNICIPAL Nº 282 DE 01 DE DEZEMBRO DE 1998.....	39

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é um elemento intrínseco da sociedade, desde o início da civilização até a idade moderna com a revolução industrial, vem acompanhando as mudanças sociais e econômicas no planeta. O trabalho é o motor responsável por transformar o espaço, seja pela necessidade de adaptação e sobrevivência da humanidade a um ambiente, seja pela sua capacidade de manter os sistemas econômicos funcionando, na sua relação trabalho-capital (Menezes, 2020).

No Brasil desde o início de sua formação, toda a organização baseava-se na exploração do trabalho. Era pensada para explorar e extrair recursos do novo território e sua base era escrava. Num primeiro momento, essa base foi indígena e posteriormente a mão de obra escrava passou a ser de povos africanos. O trabalho só se estruturou por volta da década de 1950 com o investimento urbano-industrial movido pelo governo, apesar da especialidade do país ainda se basear na exportação de *commodities*.

Atualmente, o país conta com cerca de 8,6 milhões de desempregados (IBGE, 2023) e 12 milhões de pessoas trabalhando no mercado informal (PNUD, 2022) esse fenômeno teve um relativo aumento durante o período de pandemia acompanhado de ações e opiniões políticas do antigo presidente Bolsonaro que estimulavam ações neoliberais (De França, 2020) e foram responsáveis por agravas nas relações de trabalho sentidas até os dias de hoje, como a precarização do trabalho.

Na Paraíba a agricultura foi basilar na construção do estado. O plantio de cana no litoral era a principal atividade, substituindo a vegetação de mata atlântica pela cana de açúcar. Através da pecuária áreas mais secas pouco a pouco foram ocupadas e com a descoberta das zonas de exceção ou brejos a agricultura se estabeleceu e permitiu a ocupação do território paraibano.

A Paraíba enquanto parte do Brasil passou pelo mesmo processo de ocupação e presenciou o mesmo modelo de exploração, levando-se em conta, que diferentemente de outros estados do país e assim como muitos da região nordeste, a Paraíba tardou a receber investimentos durante o período desenvolvimentista na década de 1950 dificultando a vida da classe trabalhadora, principalmente, daqueles

que dependiam da agricultura. Moreira (1997). O reflexo no atual momento que vivemos, são taxas de desemprego e informalidade bastante altas também no estado.

No Município de Dona Inês – PB a forma de trabalho migrou da agricultura familiar para a extração de granito na jazida conhecida como pedreira. O Trabalho realizado nesse local sustenta cerca de 250 trabalhadores é bastante precário, sem qualquer tipo de equipamento de segurança, além da falta de regulamentação, o que o classifica como informal. O que mais chama a atenção é que os próprios trabalhadores se recusam a mudar essa situação pois se sentem mais confortáveis segundo eles mesmos, com a forma atual na qual exercem suas funções.

Sempre observei esse ambiente de exploração nos momentos em que me deslocava para outros locais na cidade, há uma pequena estrada que passa por ali e requer certo cuidado já que após tanto tempo de escavações e retirada de rochas criou-se uma depressão ao redor dessa estrada. Outra coisa que sempre ouvi dos moradores era sobre o barulho dos trabalhadores e sobre a poeira que dali vinha e que poderia causar problemas de saúde.

Essas experiências pautadas na realidade me motivaram a pesquisar sobre o processo de trabalho na pedreira e compreender a importância desse trabalho na vida das pessoas. A pedreira ocupa uma área de cerca de 20.000 m² e as condições de trabalho são extremamente precárias. Além de realizarem suas atividades informalmente, os trabalhadores não possuem quaisquer direitos como salário fixo, carga horária definida ou qualquer outro tipo de auxílio. A prefeitura por sua vez, é omissa em relação a tudo isso, apesar de ser a única responsável pelo gerenciamento da mesma.

Nesse sentido o objetivo deste estudo consiste em compreender a processo de produção do espaço e das relações de trabalho imerso no setor neoextrativista, a partir da extração de granito na pedreira situada no município de Dona Inês – PB. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa se baseia no materialismo histórico e dialético, pois se trata de um método que enfatiza a processualidade e conflitualidade geográfica se adequando para o entendimento do conflito direto entre o trabalho e o capital neste setor específico (Konder, 1980; Sposito 2003; Lakatos e Marconi 2003; Harvey 2017).

Como metodologia operacional serão utilizados a pesquisa bibliográfica em livros, periódicos científicos, monografias, teses e dissertações, como também entrevistas semiestruturadas com os trabalhadores da pedreira e observação do ambiente no qual o processo de trabalho se desenvolve. Com o objetivo de levantar o máximo de informações sobre a realidade social do trabalho no município de Dona Inês e aprofundar os conhecimentos sobre a geografia do trabalho.

Construímos a primeira parte desse estudo a partir dos referenciais disponíveis tais como a geografia do trabalho, os processos de produção e a plasticidade do trabalho. Num segundo momento, apresentaremos os principais resultados da pesquisa especialmente os impactos socioambientais em relação ao trabalho. Por fim, espero que esta pesquisa contribua para futuras pesquisas dentro do tema trabalho na geografia, como também no entendimento da sua realidade socioespacial.

2 FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO MUNICÍPIO DE DONA INÊS

Partimos da ideia de Santos (2014) sobre a formação social, econômica e espacial. O espaço e suas relações com os indivíduos estão proporcionalmente ligadas aos modos de produção, que ditam o *modus operandis* de uma sociedade em particular. Entender esses modos de produção nos permite acompanhar as evoluções e distinguir períodos históricos e as próprias relações que o espaço determina.

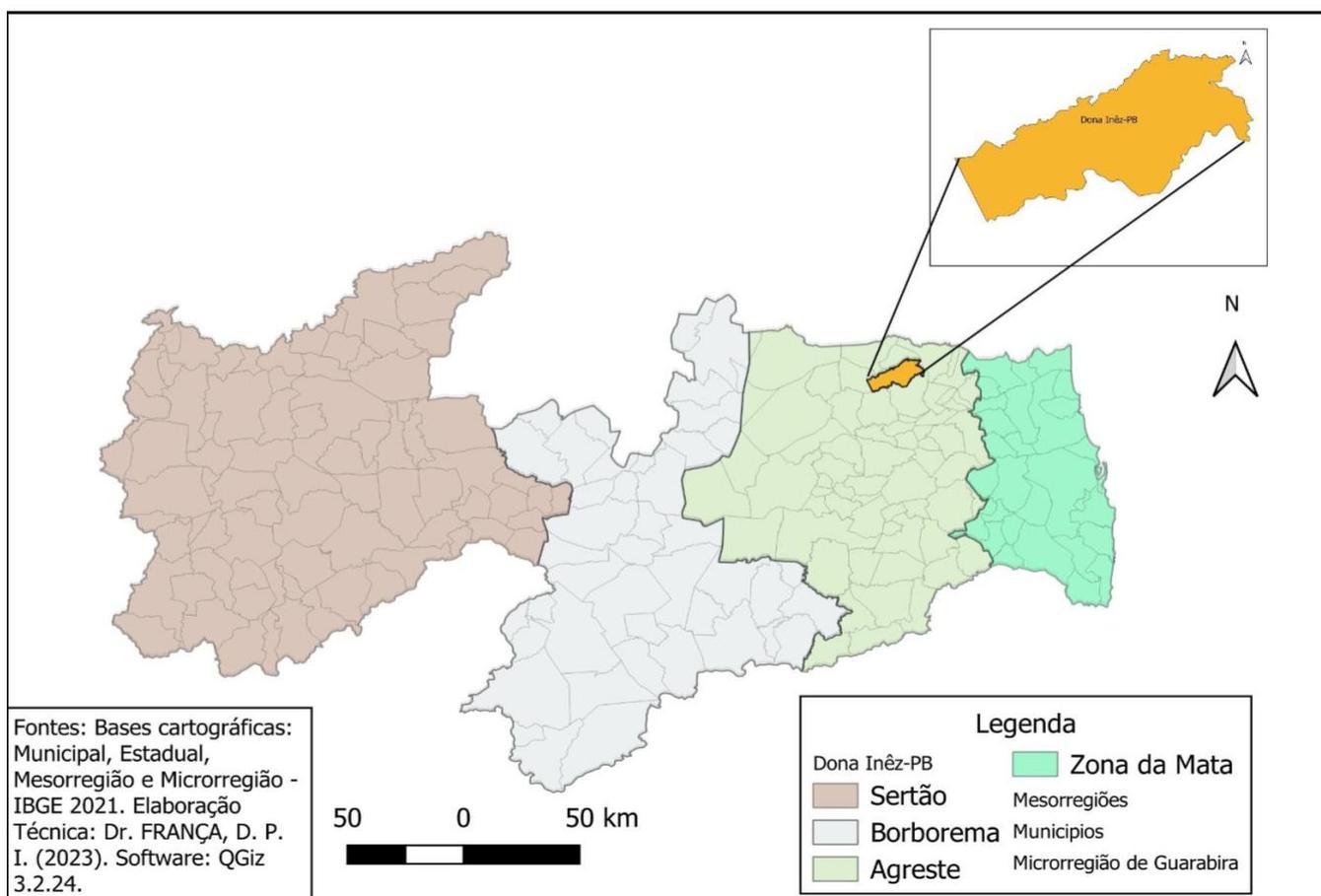
As dinâmicas são marcas que podemos observar, o próprio espaço, as técnicas, e a organização política são variáveis com o tempo, regidas, sobretudo, pela sociedade “geral” a sociedade capitalista, que através das suas demandas organiza os recortes sociais. Poderíamos então inferir através desta base teórica, que a formação socioespacial do município de Dona-Inês se deu em virtude da pedreira que posicionou o município economicamente e possibilitou o crescimento e expansão do mesmo.

O município de Dona Inês (Figura 1) está localizado segundo a antiga classificação do IBGE no Curimataú oriental e na atual, na região imediata de Guarabira, possui cerca de 10.370 habitantes. A história de origem do Município tal

qual está registrada no site do IBGE³ (2023) seguindo os relatos orais, gira em torno de uma senhora que foi avistada por alguns viajantes ao lado de um homem negro, ela então explicou que se chamava Inês e que havia fugido de Pernambuco com seu grande amor, em homenagem a ela nomearam o local como serra de Dona Inês.

Próximo a pedra está localizado um reservatório de água conhecido como cajueiro que segundo os moradores foi onde a moça chamada Inês foi avistada e também lugar onde nasceu a cidade, o que é bem comum de acontecer já que muitas civilizações e cidades desenvolveram-se justamente próximas a fontes de água. O reservatório citado, foi amplamente utilizado pela população, principalmente, para uso diário. Muitas pessoas utilizavam da água para lavar suas roupas, tomar banho, limpar suas casas, etc.

Figura 1 – Mapa de Localização do município de Dona Inês - PB



Fonte: Elaborado pelo Prof. Dr. Diego Pessoa.

³ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/dona-ines/historico>

A ocupação do município se deu por volta do século XIX através de fazendas e sítios. Dona Inês fazia parte do Município de bananeiras na condição de distrito, apenas no ano de 1959 tornou-se independente. Um dos principais problemas enfrentados após a formação do município foi a divisão territorial com municípios vizinhos, especialmente Solânea e Tacima. O que acontece é que por erros cometidos pelo IBGE durante a demarcação do território, parte do mesmo foi anexado aos municípios citados, gerando problemas para administração do município e a população, que é usada como massa de manobra durante as eleições, mas, depende quase exclusivamente do Município de Dona Inês para políticas públicas Silva Neto (2019).

A principal fonte econômica do município de Dona Inês é a extração de granito. No passado, assim como muitos municípios paraibanos a agricultura representava a principal fonte de renda, principalmente através da comercialização de algodão e sisal. Após a descoberta do valor comercial das rochas de granito inicia-se então uma intensa exploração de um afloramento granítico conhecido como pedreira ou lajedo da serra. A população do município até então, dependente da agricultura e aqueles que por ventura não possuíam qualquer profissão, viram uma oportunidade de trabalho capaz de sustentar suas famílias

Assim a agricultura foi deixada apenas para alimentação em certos períodos (e de certo já faz parte da cultura nordestina plantar alguns alimentos nos períodos de “inverno” como feijão, milho, macaxeira, entre outros) e a extração de granito ganhou o espaço que antes foi desta. Tornou-se assim, extremamente importante para o município, incluindo não só quem trabalha diretamente na pedreira mas o própria população, como por exemplo os comerciantes locais Silva (2022).

Levando-se em conta sua história o município de Dona Inês, ainda tem uma influência considerável sobre os municípios vizinhos. Entre eles destaco Riachão e Tacima que frequentemente deslocam pessoas para a feira livre em Dona Inês, que atendem a demanda dessas populações. Ainda sobre a feira de Dona Inês, vale ressaltar que maior parte dos produtos são de outros lugares, apesar de alguns agricultores locais venderem também na feira. Por isso, se pensarmos um cenário em que não houvesse a pedreira como fonte econômica, a tendência seria uma redução dessa influência/desenvolvimento no município.

3 O TRABALHO, GEOGRAFIA E GEOGRAFIA DO TRABALHO

3.1 A Geografia do Trabalho

O trabalho é o elemento responsável pela transformação do espaço, através dele o ser humano com suas técnicas redefine o espaço e retira do meio natural aquilo que é necessário para essa transformação. É ele que sustenta a sociedade capitalista através da produção e consumo de mercadorias, bens e serviços que dependem da força de trabalho para o sistema funcione. Ainda assim é uma categoria pouco explorada dentro da geografia mesmo sendo inseparável do espaço e de sua dinâmica geográfica-histórica, seguindo o pensamento de Santos (2002):

A evolução que marca as etapas do processo de trabalho e das relações sociais marca, também, as mudanças verificadas no espaço geográfico, tanto morfológicamente como do ponto de vista das funções e dos processos. É assim que as épocas se distinguem umas das outras (Santos, 2002, p.121).

O tema trabalho dentro da geografia sofreu diversos empecilhos metodológicos. A geografia em seu berço positivista tratava o trabalho como uma relação entre homem e natureza onde o homem extraia aquilo que era necessário a sua sobrevivência mas era a natureza quem regia o homem. Portanto, essa relação era o único ponto de vista a ser abordado geograficamente, ou seja, o trabalho nunca foi interesse concreto no modelo positivista, outros aspectos eram considerados mais importantes como os elementos naturais.

De acordo com Thomaz Júnior (2002) “De todo modo, poderíamos ao menos apontar, que enquanto base fundante do discurso, o trabalho na geografia foi entendido como medição e não como tema central” ou seja, o trabalho servia apenas de método para o entendimento de outros fenômenos dentro da geografia mas nunca profundamente estudado por esta ciência.

Posteriormente, com a renovação da geografia pautada no materialismo histórico e dialético de Marx o trabalho ressignificou-se mais uma vez, agora interligando-se na relação sociedade-natureza. Onde o indivíduo e sua intencionalidade passam a fazer parte do pensamento geográfico no que diz respeito a transformação do espaço.

A geografia do trabalho nasce então, como uma união, tanto da relação entre homem e natureza quanto natureza e sociedade, abrangendo portanto, toda a influência e dimensão do trabalho. Nas palavras de Thomaz Junior (2002):

A geografia do trabalho se põe em cena, para responder as perguntas em relação a realidade. Dessa forma, se não existe diferença em relação ao objeto, é na ação do sujeito que as alterações se voltam, isto é, em sua expressão geográfica o trabalho pode ser entendido tanto em nível da relação metabólica homem-meio, quanto na dimensão da regulação sociedade-espaço, nas suas diferentes manifestações. (Thomaz Junior, 2002, p.22).

Outros autores como Santos (2002) entendem a geografia do trabalho no contexto de uma geografia da ação, que estudaria portanto, ação humana e sua intencionalidade tanto sobre a natureza quanto sobre os outros indivíduos e como essa ação contribui na criação do espaço.

O capitalismo por sua vez, tem um importante papel nessa área da geografia. Através de sua influência é possível determinar as transformações sociais e econômicas e a própria formação do espaço, que com o capitalismo passa a ser rapidamente modificado para atender as exigências do fluxo de capital e da produção de mercadorias. O trabalho ou mais especificamente a força de trabalho é quem reproduz os resultados da ação do capitalismo sobre um determinado recorte espacial, no que diz respeito a construções ou até mesmo relações sociais. Também representa o mecanismo de dominação da classe burguesa sobre o proletariado Marx (2013). Segundo Moreira sobre a relação capitalismo-trabalho:

Diferenciam-se, assim, na história, o trabalho ontológico – o trabalho como fonte genética de toda e qualquer forma de sociedade humana – e o trabalho Histórico-concreto – o trabalho tal como vamos encontrá-lo nas formas socio-Lógicas estruturalmente existentes. Um quadro que se radicaliza nas sociedades de formação capitalista, fruto do modo como esta formação surgiu na história, pela via da chamada acumulação primitiva, a partir das transformações estruturais das sociedades que a antecederam (Moreira, 2013, p.132).

Só a partir da sociedade capitalista o trabalho adquire um sentido, um interesse que partir daqui, passa a ser considerado a geração de lucro que beneficia apenas um pequeno grupo. Os movimentos sociais relevam por conseguinte, a indignação da classe trabalhadora e são interpretados como custos para o capitalismo. São de

suma importância para a geografia, alinhados segundo Moreira (2003, p.46) com a categoria dos territórios. “Na relação com os recursos naturais. O que significa a relação com os territórios. Implicando a montagem das configurações territoriais apropriadas.” As lutas e os problemas sociais fazem parte da geografia enquanto crítica da realidade e da observação de fenômenos por vários ângulos.

O trabalho faz parte da geografia tanto em nível de relação social no que se refere a ação e organização da sociedade capitalista, que rege as relações entre os indivíduos com base no trabalho e sustenta a elite que acumula o capital. Quanto em nível natural em que o ser humano (enquanto ser racional) modifica a natureza com base em suas necessidades e intencionalidades “Quando, através do trabalho, o homem exerce ação sobre a natureza, isto é, sobre o meio, ele muda a si mesmo, sua natureza íntima, ao mesmo tempo que modifica a natureza externa” Santos (2002).

Se pensarmos mais, o trabalho ainda revela sua forma enquanto parte da realidade prática do sujeito. Thomaz Junior (2005) traz a ideia do que seria a práxis social do trabalho, movida pela percepção do próprio sujeito sobre o trabalho, percepção esta, que encontra-se obscura pois o sujeito, tem a tendência a naturalizar a sua exploração e não possui uma consciência do seu papel na sociedade capitalista, não enxerga a totalidade. E partir disso, há uma divisão desta prática, os trabalhadores apenas realizam suas funções, os sindicatos lutam por melhores condições de trabalho, salário e saúde e associações de moradores que devem cuidar das questões relacionadas aos espaços em que vivem.

Por isso, é impossível dissociar o trabalho da geografia uma vez que, ele abarca todas as categorias de análise presentes na própria geografia (paisagem, território, lugar, região e espaço) e serve de marcador para as transformações socioespaciais ao longo do tempo conforme evoluem as técnicas e a organização do trabalho. Também perpassa pelas diferentes correntes geográficas como a fenomenologia, através da inserção em um ambiente de trabalho ou a geografia crítica ou marxista e o conflito entre o capital e o trabalho. Ainda está ligado a dualidade homem e natureza, as bases da geografia. Ressaltada a importância desta categoria dentro da geografia, não há motivos para excluir o trabalho de estudos e pesquisas, só assim poderemos compreender melhor a realidade em que vivemos e projetar-nos enquanto partes desse sistema.

3.1 Origens e Perspectivas do Trabalho

Desde o início da organização humana, o trabalho fez parte da realidade empírica vivenciada por esses indivíduos. Através das técnicas para moldar rochas e posteriormente metais, o ser humano foi capaz de desenvolver atividades agrícolas, criação de animais, caça e passou a se fixar em um local, o que contribuiu para o surgimento das primeiras cidades, Santos (1994). Na idade média a agricultura se estabeleceu, e passou a ser comandada pelos senhores feudais que dependiam do trabalho de seus servos para produzir alimentos. Nesse período também, a natureza é mais explorada e são utilizados mais recursos na produção de ferramentas, moradias, armas e outros equipamentos.

Com o surgimento do capitalismo no fim da era feudal a dinâmica do trabalho é reestruturada mais uma vez, a classe burguesa ganha espaço no comércio de mercadorias e investe nas manufaturas, onde surge uma espécie de trabalho assalariado e divisão de tarefas no processo de produção. A agricultura perde então espaço para outros produtos, enquanto a estrutura social feudal que antes baseava-se na troca é modificada com foco maior na compra e venda.

Todo esse processo se intensifica mais recentemente, no período da revolução industrial, o capitalismo agora consolidado rege toda a ordem mundial, as indústrias passam a contratar mão de obra das pessoas durante longas horas enquanto a lógica do lucro faz com que a classe operária passe agora, a adquirir os produtos que ela mesmo produzira, dando uma nova roupagem ao trabalho, que passa a ser chamado de emprego.

O emprego é então o resultado da ação do capitalismo sobre uma atividade intrínseca humana, o trabalho, o mesmo que como já foi mencionado fez parte da vivência de nossos ancestrais e garantiu a existência da nossa espécie e da sociedade como um todo. Com o passar do tempo, a exploração da classe trabalhadora gerou revolta e emergiu na luta por melhores condições de trabalho e direitos para esta classe, isso é então agregado ao emprego que torna-se por fim a venda do trabalho em forma de mão de obra, com suas devidas regras e regulamentações em troca de um salário.

Portanto, o sistema capitalista se apropriou tanto das matérias primas extraídas da natureza, quanto dos meios de produção e da própria essência humana. O trabalho ganha um novo significado enquanto emprego, como resultado direto da lógica capitalista com o intuito de produzir, vender e gerar lucro e passa a fazer parte da realidade de todos nós. Em contrapartida, ainda podemos imaginar uma futura reestruturação do trabalho em um modelo de sociedade pós-capitalista⁴ que traga um novo sentido a essa atividade.

Se pensarmos por exemplo em uma sociedade socialista o trabalho tem um sentido totalmente oposto ao capitalismo, quem em teoria repartiria os resultados entre todos sem uma parcela acumular mais recursos que a outra enquanto as matérias primas estão sob domínio do Estado. Ainda é incerto pensar sobre isso, mas amedrontador observar que pouco a pouco o ser humano é dominado enquanto se distancia da sua própria humanidade e daquilo que antes lhe era natural, transformando a si em objeto de exploração.

3.3 A Plasticidade do Trabalho

O conceito de plasticidade do trabalho elaborado por Thomaz Junior (2002) se refere a dinâmica imposta pela sociedade capitalista que impera sobre o proletariado. Estes por vezes, são obrigados a abandonar seu trabalho em busca de outra atividade, seguindo o regimento brutal do mercado capitalista. Na maioria das vezes, essa situação afeta pequenos agricultores familiares que antes produziam culturas para o próprio consumo, mas se viram sem alternativa conforme surgiam necessidades financeiras, partindo assim, rumo a outros locais em busca de vender sua força de trabalho.

Nesse contexto, se deparando com um ambiente oposto ao que tinham antes, cujas condições necessárias para o ganho de capital lhes exigiam se submeter a uma intensa busca pela venda da sua força de trabalho seja gerando um produto seja prestando um serviço.

⁴ Com o aumento e avanço das novas tecnologias e por conseguinte o surgimento de novas formas de trabalho é possível que essas novas formas de trabalho possam alterar a criação de mais valor com o potencial de modificar ou acentuar a organização capitalista. (Antunes, 2018)

O processo de plasticidade então configura-se como uma readequação constante do sujeito ao mercado capitalista, que oferece trabalho assalariado enquanto exige diferentes ofícios, quem em sua maioria, suprem o valor que este sujeito obtinha até então, viabilizando o aumento da oferta de mão de obra.

Esse processo se intensifica no Brasil na década de 1950 com a expansão industrial-urbana que possibilitou o aumento de empregos nas cidades ao mesmo tempo que reduziu as condições de produção agrícola no campo forçando muitos trabalhadores a se deslocarem até as cidades para trabalhar nas indústrias ou mesmo em outras atividades remuneradas.

Porém, recentemente, podemos observar um fluxo maior da plasticidade, alavancada pelo aumento de trabalho informal e alternativas como trabalhos por aplicativos que durante a pandemia, foram opção de muitas pessoas que perderam seus empregos e tiveram que se adaptar aquela realidade.

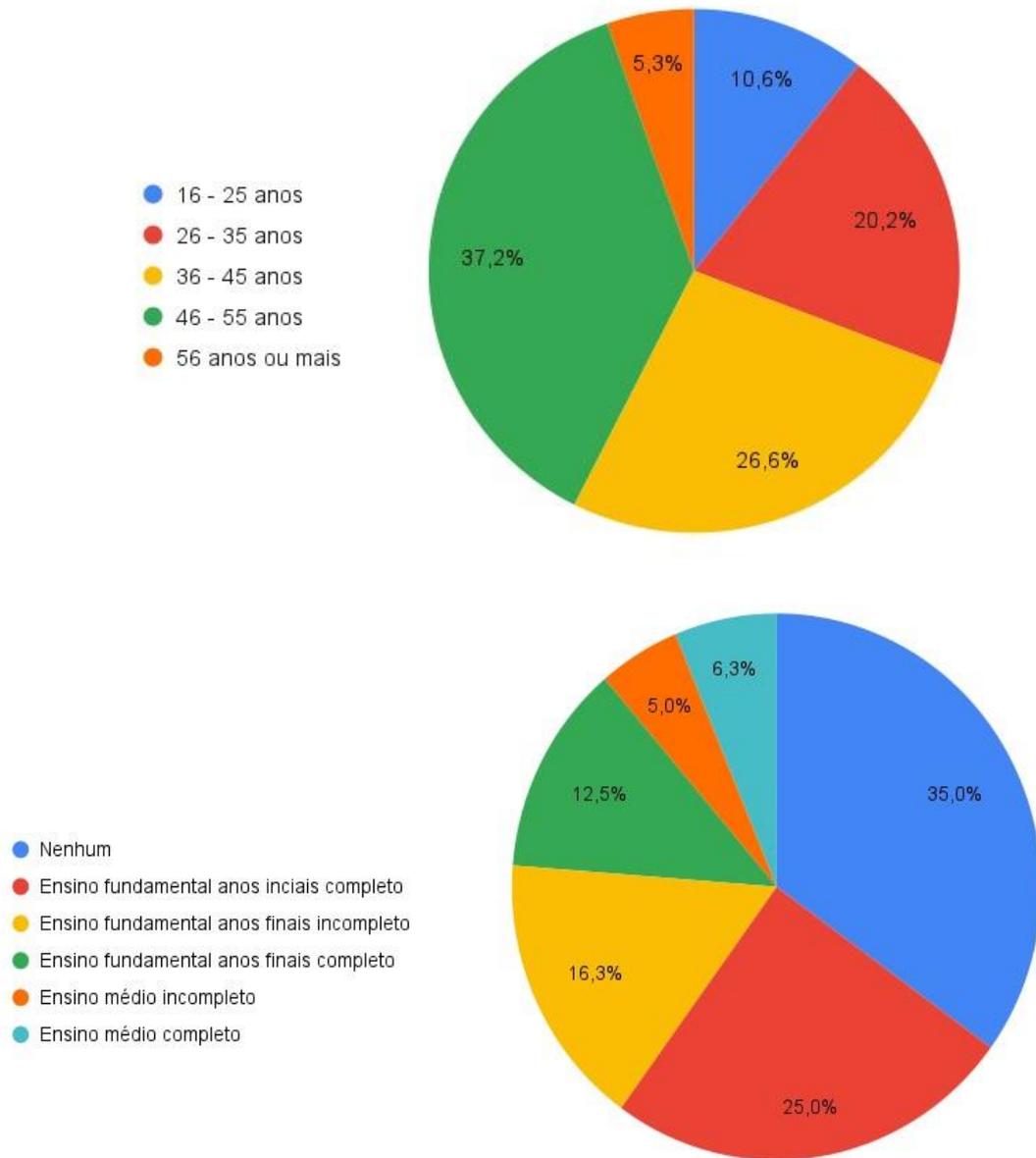
Os trabalhadores da pedreira em Dona Inês - PB não diferem deste conceito, no passado se dedicavam a agricultura em suas propriedades. Segundo relatos, principalmente a cultura do sisal e algodão além de agricultura de subsistência, mas com o início da exploração mineral na zona urbana e o avanço no crescimento econômico no município, logo houve um deslocamento desses trabalhadores em direção a parte urbana em busca de trabalho assalariado.

A técnica necessária foi passada por um senhor conhecido como Luiz da Pedra que iniciou a exploração de granito no local, como pesquisado por Silva (2022). E assim logo a pedreira se tornou uma das principais fontes de renda para diversas famílias do município de Dona Inês e com o passar do tempo substituiu a produção agrícola. De acordo com Moreira e Santos (2018):

Isso ocorre pela via do cerceamento das condições de reprodução da vida do campesinato, pois, uma vez que esses trabalhadores não conseguem se reproduzir através do trabalho com a terra, os deslocamentos pelo território se configuram como a única alternativa. (p.326).

Sem as condições necessárias para seu sustento, a extração na pedreira se tornou a principal alternativa e por conseguinte, mobilizou uma grande massa de trabalhadores a se deslocar da zona rural até a cidade e readequar-se a um novo tipo de trabalho para sua sobrevivência.

Figura – 2 Gráficos de faixa etária e escolaridade dos trabalhadores



Fonte: Silva, 2022

É possível observar que outros fatores são responsáveis pela dinâmica de plasticidade, especialmente na pedreira os dados acima (Figura 2) nos revelam uma situação bem comum no nosso país.

As desigualdades sociais e de acesso a educação principalmente no passado, forçaram quase que obrigatoriamente as pessoas a buscarem trabalho muito cedo. Os trabalhadores da pedreira em sua maioria agricultores, passaram por este processo e retratam o trabalho como uma alternativa ao tempo que não tiveram para frequentar a escola. Aliado a isso ainda temos um trabalho que exige prática e não capacitação teórica.

4 DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO, CARACTERIZAÇÃO E IMPACTOS DA PEDREIRA

4.1 A Divisão Social do Trabalho no Contexto da Pedreira

A divisão do trabalho se refere a separação das funções no processo de produção. Marx (2013) nos diz que o trabalho enquanto mecanismo de exploração da sociedade capitalista, especialmente de um grupo social sobre o outro, dá a ideia de uma divisão social do trabalho, que dividiria a sociedade em classes. A classe burguesa dotada de capital e dos meios de produção e a classe proletária que vende sua força de trabalho em troca de um salário e se responsabiliza por funções direcionadas a cada etapa do processo de produção.

Se pensarmos na origem da dessa divisão, estaríamos voltando justamente ao início do capitalismo, nas manufaturas onde surgiram as primeiras divisões de trabalho. Tempos depois com a revolução industrial a classe trabalhadora se inseriu permanentemente no sistema capitalista e passou a ser dividida em classes sociais de acordo com seu papel ou função. Entretanto sem consciência disso, motivados apenas pela necessidade de sobrevivência os(as) trabalhadores(as) não enxergam essa a divisão social do trabalho, o que Marx idem chama de alienação.

Segundo Moniz (1982, p.23) “o aprofundamento dessa divisão do trabalho teve igualmente como efeito a integração do indivíduo numa esfera restrita de competências, especializando a sua actividade” ou seja, com o aumento da divisão do trabalho, o indivíduo passa a se aperfeiçoar numa determinada atividade aumentando ainda mais esta divisão, ao passo que, este se torna dependente de um trabalho específico e não tem perspectivas de alterá-lo apenas cumpre o seu papel social. Durante o período de pandemia o que observou-se foi uma alteração dessa

condição, as pessoas sem oportunidades de emprego tiveram que mudar radicalmente suas especificações buscando formas alternativas de trabalho e novos tipos de qualificação.

Na pedreira existem diferentes etapas desse processo de divisão do trabalho. De início utiliza-se uma pequena ferramenta de ferro que é conhecida pelos trabalhadores como “carvão” (Figura 3) ela serve para perfurar a rocha de granito, posteriormente os furos são preenchidos com pólvora e são realizadas explosões com o objetivo de retirar parte desse granito.

Figura 3 – Trabalhador afinando ferramenta conhecida como “carvão” e abaixo bloco de granito em processo de separação.



Fonte: Trabalho de campo *in loco* março de 2023.

Após esse processo outros trabalhadores (Figura 4) fazem a modelagem da rocha até atingirem um tamanho adequado podendo ser blocos maiores que são usados como meio fios, paralelepípedos ou até rachas, que nada mais são que partes irregulares muito utilizadas em uso domiciliar, como forma de revestimento para fins estéticos ou também como calçamento de quintais e/ou calçadas. Por fim, os produtos finalizados são amontoados próximo a cada trabalhador para que assim, saiba o resultado de seu trabalho naquele dia.

Figura 4 – Trabalhador fragmentado a rocha em partes menores e abaixo um dos resultados do seu trabalho “meio fio”



Fonte: Trabalho de campo *in loco* março de 2023.

Tudo então é levado aos caminhões que são abastecidos por outros trabalhadores responsáveis por essa tarefa, já aqui se contabiliza a quantidade que cada um consegue lançar no caminhão. Já abastecidos, os caminhões seguem viagem para outros municípios limítrofes a Dona Inês, como Solânea e Bananeiras mas também chegam a lugares mais distantes como o Rio Grande do Norte. (Figura 5). O trabalho de carregar os caminhões também é perigoso já que a área em si não tem uma boa aderência e há relatos de caminhões que viraram por causa disto. Os próprios trabalhadores estão sujeitos a acidentes enquanto lançam as rochas para o alto.

Figura 5 – Caminhão sendo carregado.



Fonte: Trabalho de campo *in loco* março de 2023

Toda essa caracterização supracitada sobre a divisão social do trabalho na pedra, remete ao início da idade moderna com a ampliação da divisão social do trabalho através das manufaturas. Os trabalhadores não são donos dos meios de

produção nem das matérias primas, sendo subordinados a quem os tem, além disso, o salário varia de acordo com a produção individual e assim como naquele período. O foco principal era a agricultura de subsistência mas com o surgimento do capitalismo movido pela burguesia, e acessão do comércio, isso pouco a pouco foi modificado. Conforme Huberman (1981, p.19) “Chegou o dia em que o comércio cresceu, e cresceu tanto que afetou profundamente toda a vida na idade média. O século XI viu o comércio andar a passos largos; o século XII viu a Europa ocidental transformar-se em consequência disso”

Portanto, se observamos a divisão social do trabalho na pedreira, percebemos que existe uma precarização do trabalho e subordinação provocada sobretudo por toda essa estrutura arcaica e manual na produção. Acompanhado do trabalho informal, esse tipo de movimento é consequência da necessidade de sobrevivência, como a já mencionada plasticidade. O trabalho é ofertado mesmo que desfazendo-se do bem estar do indivíduo pois, gera lucro ao proprietário das matérias primas e meios de produção ao mesmo tempo que gera demanda pois há quem aceite trabalhar nessas condições. Por consequência, os trabalhadores também se alienam sobre seus direitos, para manter seu foco no trabalho e não correr o risco de perde-lo.

4.2 Caracterização Geoambiental da Pedreira

O processo de extração de recursos minerais no Brasil remota a mais de 500 anos desde que os portugueses chegaram ocuparam-no enquanto seu território e provedor de matérias primas e recursos. A esse processo dá-se o nome de extrativismo que trata justamente da retirada de recursos minerais para o abastecimento de uma demanda, até então regida pelo mercantilismo. Na modernidade o extrativismo ganhou uma reconfiguração que lhe garantiu se adequar ao novo mercado, com um controle maior por parte dos Estados que agora possuem o controle sobre a extração e exportação, o chamado neoextrativismo. Dos Santos e Milanez (2013).

Em Dona Inês a pedreira de granito lajedo da serra (Figura 6) possui em escala menor um importante papel econômico e político no município. Pois, apesar de caracterizar-se como uma atividade do setor neoextrativista, num contexto mais

amplo, não tem a mesma representatividade do que outras fontes minerais na Paraíba, Nordeste ou no país. Sua área de ação está limitada a algumas cidades do entorno e mesmo de alguns outros estados, contudo, tem um valor empregatício maior do que comercial.

Figura – 6 Visão aérea da pedreira Lajedo da Serra



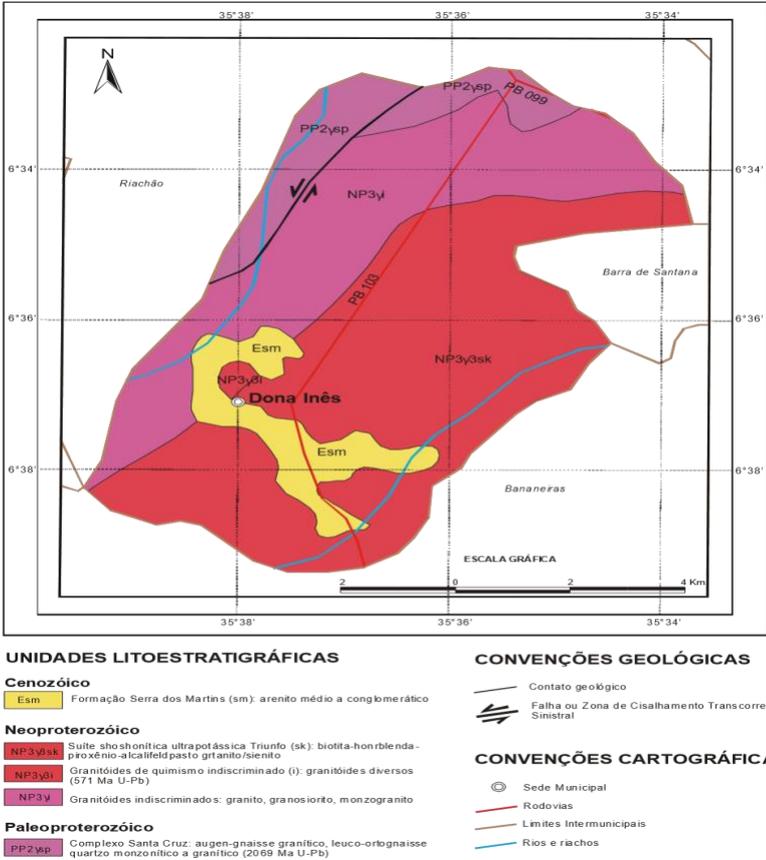
Fonte: Acervo Pessoal Prof. Dr. Ivanildo da Costa Silva. Setembro de 2021.

A pedreira possui uma área de cerca de 20.000 m² é um afloramento granítico que segundo Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais (CPRM,2005) está inserida na formação Litoestratigráfica do município de Dona Inês em unidades cenozóica, na formação Serra dos Martins e unidade neoproterozóica Suíte shoshonítica ultrapotássica Triunfo. Segundo Andrade (2014) a declividade do município é plano 5,72%, suave ondulado 28,72%, ondulado 47,98%, forte ondulado 17,47% e montanhoso 0,10 %.

Ainda segundo Andrade: “A vegetação do município é composta de árvores do tipo subcaducifolias, com espécies Xerófilas da caatinga e algumas espécie de mata úmida. Formadas por ela estar situada em área de Transição climática entre o brejo úmido e o cariri semiárido.” O granito é um tipo de rocha bastante utilizado para

calçamento urbano e no caso da pedreira, o afloramento em questão é consistente, visto a quantidade de anos de sua exploração. “O regime climático é quente, com chuvas de inverno, sendo o período chuvoso de fevereiro a agosto e a precipitação média anual é da ordem de 750mm. [...] O potencial hidrogeológico varia de baixo a muito baixo” CPRM (2005).

Figura – 7 Geologia do município de Dona Inês



Fonte: CPRM, 2005

O afloramento de granito não é o único no município, na imagem acima (Figura 7) é possível notar que o município de Dona Inês conta com uma grande área de granitos, contudo, devido a se localizar em uma serra, apenas partes mais altas contam com afloramentos perceptíveis e somente o maior deles o chamado lajedo da serra, onde se localiza a pedreira é explorado.

4.3 Impactos Socioambientais da Pedreira

A utilização de minérios remota ao passado da humanidade representando grande importância na fabricação de ferramentas e utensílios, ao mesmo tempo que acompanhou transformações mais recentes como as revoluções industriais. No município de Dona Inês, o local de extração de rochas conhecido como pedreira está inserido na zona urbana próximo a residência de muitas pessoas e cujas atividades são realizadas de forma totalmente manual e sem o uso de equipamentos adequados.

Além de não estar dentro das normas estabelecidas para a mineração. O que acarreta em muitos impactos, sejam sociais, no que tange a população circunvizinha a pedreira e os próprios trabalhadores que encontram-se expostos a diversos riscos de saúde e segurança, sejam impactos ambientais provenientes da extração de rochas e principalmente do uso de explosivos na realização dessa atividade.

Os principais impactos sociais sofridos pela população são os ruídos gerados pelas explosões e pelo próprio trabalho feito nas rochas, partículas de poeira e fragmentos de rocha que podem causar problemas respiratórios. Enquanto os trabalhadores sofrem riscos de acidentes, já que não há uso de equipamentos de proteção individual – EPI além de exposição ao sol por longos períodos gerando doenças como a queilite actínica⁵ (Santos, 2016). Todo o processo de produção é feito sem nenhum tipo de fiscalização e a própria pedreira não pertence a nenhuma empresa o que deixa a cargo do município toda a responsabilidade por seus impactos.

O ambiente em volta da jazida também traz o retrato de tantos anos de exploração, parte da vegetação foi desmatada, o próprio afloramento já está bastante escavado a medida em que exploração cresceu. Apesar de estar próxima a várias residências a pedreira também está cercada de vegetação de caatinga a alguns resquícios de mata atlântica que ainda preservam-se na reserva mata do Seró Andrade (2014) que impacta diretamente na fauna, como pássaros que sofrem com as vibrações e ruídos provenientes do local

⁵ Foi constatado que os trabalhadores da pedreira sofrem com esse problema de saúde por exposição excessiva ao sol

Existe inclusive uma lei municipal⁶ (Anexo A) que define a pedreira como área de preservação ambiental e proíbe a exploração da mesma, o que nunca foi respeitado, levando-se em conta que seria impossível atualmente, o cumprimento desta lei pela quantidade de pessoas que trabalham e dependem da pedreira. E dada a temporalidade no qual ocorre a extração, seria impossível mitigar os impactos gerados uma vez que, retirar o granito irá afetar o ambiente mesmo que a atividade fosse realizada de outra forma.

Cerca de 250 trabalhadores exercem funções na pedreira e dependem quase que exclusivamente da renda proveniente do local. Além de sustentar diversas famílias a pedreira ainda oferece subsídios para a expansão urbana do município, permitindo por exemplo que ruas recebam calçamento, o que melhora a infraestrutura, mas também oferecendo materiais necessários para a construção civil e por está inserida no município os custos desses materiais são mais baratos do que se fossem adquiridos de outras regiões.

Deste modo, a pedreira tem um papel fundamental enquanto fonte de emprego e na construção da própria imagem do município. Assim sendo, a prefeitura se mobilizou a preservar uma parte da pedreira criando um memorial chamado de memorial lajedo da serra, demarcado por algumas artes em grafite, que contam um pouco da história de formação do município. Produzidas por um artista conhecido como Tarcísio *Play*. Os trabalhadores então ficaram proibidos de explorar a parte superior da pedreira e esta se tornou um ponto turístico Vessoni (2023).

O contraste encontra-se justamente na falta de preocupação com os trabalhadores e na “preservação” da jazida de granito. Como elencado aqui, existe uma lei (Anexo A) que define a pedreira como área de preservação ambiental proibindo portanto, qualquer tipo de atividade no local. O descumprimento desta lei aliada à informalidade e precariedade do trabalho nos mostram a total despreocupação em relação a qualidade de vida e saúde dos trabalhadores. Mas ao mesmo tempo, um mecanismo que evidencia a preocupação em atrair público para o município através de iniciativas turísticas.

⁶ Lei 282 de 1 de dezembro de 1988

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na geografia, o trabalho tardou a receber atenção por parte dos pesquisadores, prejudicado pelos ideais positivistas no início da ciência geográfica. Somente após o desenvolvimento da geografia de cunho marxista, baseada no materialismo histórico e dialético é que o trabalho foi percebido em sua totalidade. A própria classe trabalhadora se deu conta da importância do trabalho e sua intensa exploração, produzindo a partir daí, movimentos sociais na busca por melhores condições de trabalho e direitos ao trabalhador. O que por consequência rivalizaram com o pensamento da classe dominante e do próprio capitalismo. Mas através dessas lutas surgiu o que hoje conhecemos como legislação trabalhista e sindicatos.

O trabalho enquanto ação, transformou-se e ressignificou-se diversas vezes ao longo da história, na modernidade, o capitalismo usa o trabalho como forma de dominação sobre a classe trabalhadora Marx (2013) criando desigualdades e separando cada vez mais o indivíduo do processo de produção (conforme os teóricos vistos ao longo deste estudo) e do resultado de seu esforço, especializando-o apenas em uma função. Além disso, ainda é possível observar um aumento acentuado da divisão social do trabalho, proveniente desta especialização de funções que matem a estrutura capitalista em funcionamento. No entanto, existe uma grande massa de trabalhadores que não participam diretamente deste modelo mas que são explorados ao mesmo modo, realizando seu trabalho através de dinâmicas próprias, que se inserem na categoria de informais.

A pedreira lajedo da serra localizada no município de Dona Inês – PB também está imersa na informalidade onde cerca de 250 trabalhadores reproduzem-se socialmente ao custo de condições de trabalho precárias e sem direitos, dependendo unicamente de si caso em sua luta diária sofra algum acidente que lhes impossibilite de trabalhar. Mas não somente os trabalhadores são os atores sociais da pedreira, a população sofre com os ruídos e principalmente as explosões realizadas na extração do granito. Sem contar o meio natural que sofre intensamente com o desmatamento cada vez maior da área ao redor da pedreira enquanto a fauna e flora tem suas dinâmicas afetadas pelas constantes vibrações.

As relações produzidas ali são indissociáveis da realidade destes trabalhadores, apesar da precarização das condições de trabalho e da falta de direitos, a necessidade de sobrevivência é que matem a pedreira como a principal fonte econômica no município. Ademais, a alienação é o resultado desta exploração, quando questionados sobre as dificuldades de trabalhar na pedreira os mesmos partilham da ideia de que apesar de tudo, o trabalho realizado desta forma traz uma liberdade maior, seja na quantidade de horas trabalhadas, seja no salário recebido. As atividades são realizadas semanalmente, intercalando os dias de trabalho conforme cada trabalhador opta e o salário está diretamente ligado a produção, mesmo assim, a maioria mal atinge um salário mínimo.

Aliado a tudo isso ainda percebe-se fenômenos como a plasticidade, que afetam principalmente as populações do nordeste. A plasticidade configura-se como uma dinâmica migratória desencadeada pela necessidade do indivíduo de se sustentar. Muitos partem do nordeste para outras regiões em busca de emprego, no entanto acabam sendo integrados ao mercado informal, realizando qualquer serviço que apareça, ao passo que, muitos ainda tem dificuldades de conseguir um trabalho. Na pedreira a plasticidade se faz presente na medida em que grande parte dos trabalhadores ora foram agricultores e ainda possuem pequenos roçados e criação de animais mas a necessidade colocou o trabalho na pedreira em primeiro plano e a agricultura tornou-se secundária.

A prefeitura é quem detém todos os direitos sobre a exploração da pedreira como também a responsabilidade pela segurança e saúde dos trabalhadores. Em contrapartida é completamente omissa a tudo isso, os responsáveis pela organização do trabalho são os donos dos terrenos em que encontram-se os afloramentos de granito, cada trabalhador está vinculado a um deles e a segurança e saúde não são ofertadas pois, não há qualquer equipamento de proteção nem auxílio em caso de acidentes. O que ocorre ainda é uma inversão de valores em relação à pedreira como um ponto turístico e histórico do município, com um grande esforço da prefeitura em preservar uma parte da mesma em forma de memorial, conforme citado anteriormente.

Esquecendo-se portanto, das condições sociais e da intensa exploração do trabalho, enquanto a classe trabalhadora já alienada em suas funções diárias na

extração de granito, não tem consciência dos problemas que sofre. Portanto incapazes de lutar por melhores condições ou reivindicar qualquer direito se contentam em receber algo em troca de seus serviços e ter um ofício que sustente suas famílias. Algo que tornou-se cada vez mais comum, principalmente no Brasil. Fenômenos como a “uberização”⁷ nos revelam como o capitalismo se apropria das fragilidades, sejam pessoais ou legislativas para criar mecanismos de lucrar cada vez mais e reduzir os custos com o trabalho. Na pedreira, essa situação ocorre quase que indiretamente, pois estamos falando de pessoas comuns, sejam as que trabalham diretamente, sejam os donos dos terrenos, mas que querendo ou não, partilham desta lógica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Espedita Macena de. Uso e cobertura do solo do município de Dona Inês/PB, com base nos sistemas de informações geográficas (SIGs). 2014. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)- **Universidade Estadual da Paraíba**, Guarabira, 2014

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços Na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018. 325 p

Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Dona Inês**, Estado da Paraíba. Recife CPRM/PRODEM, 2005. 22 p.

DE FRANÇA, Diego Pessoa Irineu. Crise estrutural e societária: precarização do trabalho em tempos de “bolsonarismo pandêmico”. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 21, n. 3, p. 215-237, 2020.

DONA INÊS Lei Nº 282, de 01 de dezembro de 1998 **Declara preservação ambiental do município e da outras providências**, 1998. Dona-Inês: prefeitura municipal

DOS SANTOS, Rodrigo Salles Pereira; MILANEZ, Bruno. **Neoextrativismo no Brasil? Uma análise da proposta do novo marco legal da mineração**. 2013.

⁷ Referente aos trabalhos por aplicativo que diminuem os vínculos com as empresas, ou seja reduzem os direitos do trabalhador que se afasta do amparo de seus direitos a medida que pode trabalhar ainda assim (Franco e Ferraz, 2019).

FRANCO, David Silva; FERRAZ, Deise Luiza Da Silva. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cadernos Ebape**. BR, v. 17, p. 844-856, 2019.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. Boitempo Editorial, 2017.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 1986.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desemprego 2º trimestre de 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>
Acesso em: 21 out. 2023.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica** 2º Ed
São Paulo: Atlas, 1991

MARX, Karl **O Capital** – Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
MENEZES, Sócrates Oliveira. Geografia e trabalho; teoria e método. **Geopauta**, v. 4, n. 4, p. 157-167, 2020.

MONIZ, António Brandão. Da divisão social do trabalho: uma abordagem sociológica. **ARQUIPÉLAGO-Revista da Universidade dos Açores**, p. 23-48, 1982.

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. **Capítulos de geografia agrária da Paraíba**. Editora Universitária UFPB, 1997.

MOREIRA, Ruy. Trabalho e movimentos sociais no Brasil: um diálogo possível no âmbito da luta emancipatória. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 4, n. 1, 2003.

MOREIRA, Ruy. A (geografia da) sociedade do trabalho. **Terra Livre**, v. 1, n. 40, p. 131-142, 2013.

MOREIRA, Silmara Oliveira; SANTOS, Janio Laurentino de Jesus. Mobilidade e plasticidade do trabalho: reflexões teóricas. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 19, n. 3, p. 319-346, 2018.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2022. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2021-22: Tempos incertos, vidas instáveis: moldando o nosso futuro num mundo em transformação**. Nova Iorque. 2022 disponível em: <https://hdr.undp.org/system/files/documents/global-report-document/hdr2021-22ptpdf.pdf>

SILVA, Natália Freire da. Aspectos socioeconômicos da extração mineral no município de Dona Inês – PB. 2022. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia)- **Universidade Estadual da Paraíba**, Guarabira, 2022.

SILVA NETO, José Roberto da. Território Geográfico e poder político em dona Inês. 2019. 64f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)- **Universidade Estadual da Paraíba**, Guarabira, 2019.

SANTOS, Rafaelle Ferreira dos. Prevalência de queilite actínica em trabalhadores extrativistas minerais na cidade de Dona Inês-PB. 2016. 33p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Odontologia)- **Universidade Estadual da Paraíba**, Araruna, 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2002.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 1994.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar** 1º Ed. São Paulo: Edusp, 2014, 176p.

SPOSITO, Eliseu Savério. Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. Unesp, 2003.

THOMAZ Junior, Antonio. Por uma geografia do trabalho. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 3, 2002.

THOMAZ Junior, Antonio. “LEITURA” GEOGRÁFICA DA PRÁXIS SOCIAL DO TRABALHO. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 6, n. 1, 2005.

VESSONI, Eduardo. **Grafites dão nova cara a pedreira comparada a Serra Pelada, na Paraíba**. Uol. Disponível em:

<https://www.google.com/amp/s/www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2023/01/16/grafites-dao-nova-cara-a-pedreira-comparada-a-serra-pelada-na-paraiba.amp.htm>

Acesso em: 15 set. 2023.

ANEXO A – LEI MUNICIPAL Nº 282 DE 01 DE DEZEMBRO DE 1998**ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE DONA INÊS**

LEI Nº 282, de 01 de dezembro de 1998

Declara área de preservação ambiental do Município e dá outras providências.

O PREFEITO CONSTITUCIONAL DO MUNICÍPIO DE DONA INÊS, ESTADO DA PARAÍBA, faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei

Art. 1º - Fica declarada área de preservação ambiental do Município, toda área do Lagedo da Serra, encravado no perímetro urbano, medindo 85.530 m², de rocha granítica, limitando-se com os seguintes confrontantes:

I- Ao Norte, medindo 300 metros de extensão, limitando-se com as propriedades dos senhores Anésio Ferreira de Lima e Arão Lucas de Araújo;

II- Ao sul, medindo 250 metros de extensão, limitando-se com as propriedades dos senhores José Sales, Francisco Salustino e Lourival José do Nascimento;

III- Ao Leste, medindo 387 metros de extensão, limitando-se com as propriedades dos senhores Antonio Gomes Soares e Elias Leandro;

IV- Ao Oeste, medindo 530 metros de extensão, limitando-se com as propriedades dos senhores Arão Lucas de Araújo, Antonio Gomes Soares, José Hermínio de Araújo e Lourival José do Nascimento.

Art. 2º - Na área descrita no artigo anterior estão encravados os reservatórios públicos de armazenamento d'água para o consumo da população do Município, denominados:

- I- Cacimba do Cajueiro
- II- Tanque Novo;
- III- Lagoa da Serra;
- IV- Tanque Velho;
- V- Lavanderia Pública.

Parágrafo Único - a preservação ambiental de que trata esta Lei estende-se aos reservatórios de armazenamento d'água e as áreas de recursos minerais.



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE DONA INÊS

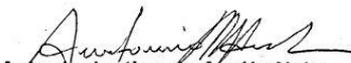
Art. 3º - É vedado a exploração dos recursos minerais de toda área descrita no artigo primeiro, independente da aplicação da Legislação Federal de proteção ao meio ambiente.

Art. 4º - Para garantir a proteção ambiental de toda área descrita no artigo primeiro, aplica-se o artigo 225 da Constituição Federal, toda legislação federal de proteção ao meio ambiente e o artigo 120 da Lei Orgânica Municipal.

Art. 5º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

Dona Inês, 01 de dezembro de 1998.


Antonio Justino de Araújo Neto
Prefeito

(continuação do anexo)